

Narrativas insurgentes: o poder da autodefinição de mulheres negras como tecnologia de combate às imagens de controle

Larisse Oliveira Araújo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: larisseoaraujo@gmail.com

110

Palavras-chave: Mulheres Negras. Autodefinição. Identidades. Imagens de Controle

INTRODUÇÃO

A identidade de mulheres negras – foco desta pesquisa – é permeada socialmente por estereótipos problemáticos que atravessam as categorias de raça, classe, gênero e sexualidade (Davis, 2016). As imagens de controle (Collins, 2019) enquadram socialmente as mulheres negras em uma posição de subalternidade, padronizando-as e reduzindo-as a uma imagem homogênea, ignorando suas subjetividades e individualidades. Essas mulheres, consoante aos estudos de Gonzales (2020), são vistas no âmbito social estrutural como “a mulata boa de cama”, como “a ama de leite”, sempre sujeitas ao lugar de servir a branquitude, tanto de forma trabalhista como sexual.

Nessa perspectiva, autoras como Hill Collins (2019), Hooks (2019) e Lorde (2020) trazem em seus estudos a importância da autodefinição como uma arma política de combate a essas imagens. Esse processo é uma forma consciente de se despir da identidade forjada pelo colonizador e de vestir-se de si mesma, de descobrir sua própria identidade – subjetiva e coletiva – mediante a sua ancestralidade e às suas experiências para além da violência e do racismo. É importante que as dores atravessadas por mulheres negras sejam reconhecidas, contudo, elas não devem definir e nem determinar quem essas mulheres realmente são (Hooks, 2019).

Mediante a esta discussão, o presente trabalho se configura enquanto uma pesquisa em andamento, resultante da trajetória da autora que vos fala no Curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras/es (CEGRES-DIADORIM),

Realização:



Apoio:



na Universidade do Estado da Bahia. A presente pesquisa busca, portanto, responder, a partir de suas reflexões: De que forma o processo de autodefinição de mulheres negras atua enquanto uma epistemologia descolonizadora no processo de combate às imagens de controle geradas pelo racismo?

Desse modo, o objetivo central deste estudo é compreender como o processo de autodefinição de mulheres negras pode atuar como uma ferramenta política no combate às imagens de controle geradas pelo racismo. Conseqüentemente, seus objetivos específicos se dão na intenção de (i) cotejar teoricamente sobre o processo da construção identitária de mulheres negras; (ii) analisar o impacto das imagens de controle na vida de mulheres negras e (iii) inferir sobre a importância da autoconsciência e da autodefinição para o redirecionamento das narrativas de mulheres negras.

A pesquisa tem sua justificativa pautada, em sentido acadêmico e social, na necessidade do desenvolvimento e da ampliação de estudos interseccionais referentes às mulheres negras e sua humanização, suas subjetividades e suas individualidades, compreendendo suas múltiplas existências para além das definições constituídas pelo racismo, pelo machismo e pelo capitalismo.

No que se refere à justificativa pessoal, pode-se dizer que esta pesquisadora que vos fala se vê e se coloca enquanto sujeita da pesquisa, que, em suas vivências e experiências, intra e extra-acadêmicas, transita pelo constante processo de autoconhecimento, autodefinição e de rompimento das opressões, que afeta e instiga diretamente a sua atuação enquanto pedagoga-pesquisadora negra.

METODOLOGIA

Esse estudo assume um caráter de abordagem qualitativa (Gil, 2008), abordagem que possibilita o desenvolvimento de uma pesquisa mais humanizada e de uma análise mais aprofundada quanto às subjetividades do objeto/sujeito, valorizando os contextos, os aspectos sócio-históricos, culturais etc.

Como a pesquisa se encontra em andamento, está sendo realizada uma Pesquisa Bibliográfica (Gil, 2008) e o desenvolvimento de uma Revisão Narrativa de Literatura

(Rother, 2007), apresentando uma costura em fios teóricos – metaforicamente se dizendo – com o levantamento e a interpretação de obras de autoras negras como principal base de fundamentação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens controladoras - ou imaginários sociais - se configuram como estereótipos problemáticos construídos socialmente, os quais reproduzem ideologias dominantes do sistema heteronormativo, patriarcal e supremacista branco, sendo utilizadas como ferramentas de dominação do grupo dominante sobre os grupos dominados. Essas imagens controladoras “são utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder” (Bueno, 2020, p.73).

No tocante às mulheres negras essas imagens de controle se manifestam na sociedade de forma determinante, a ponto de afetar diretamente suas existências. Contudo, por vezes, essas imagens se apresentam de forma tão popularizada e velada que podem se tornar quase que imperceptíveis. Essas imagens “são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir das categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às iniquidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade” (Bueno, 2020, p.73).

De acordo às autoras Lélia Gonzalez (2020) e Angela Davis (2016), mulheres negras são socialmente colocadas em posição de subalternidade, imersas na exploração trabalhista e sexual. Essa objetificação é inteiramente marcada pela colonialidade, como herança perpetuada do período escravagista, no qual as mulheres negras escravizadas sofriam a desumanização de seus corpos.

Podemos identificar essa percepção ao analisarmos o dito popular antigo e problemático, o qual diz: “Mulher branca pra casar, a preta pra cozinhar e a mulata pra fornicar”. Esses enquadramentos atuam para o fortalecimento e perpetuação das explorações e opressões sociais, sendo estabelecidos principalmente mediante o atravessamento dos marcadores de raça, gênero e classe.

Realização:



Apoio:



Citando alguns desses estereótipos direcionados às mulheres negras, temos a “ama de leite” ou “mãe preta”, a “mulata boa de cama” ou “morena da cor do pecado” e temos também o “mito da guerreira”, da negra que aguenta mais dor que as mulheres brancas. Essas imagens desumanizam essas mulheres, as hiperssexualizam.

Para Patrícia Hill Collins (2019), as imagens controladoras voltadas socialmente para mulheres negras “são tão uniformemente negativas que praticamente forçam à resistência”. A autora descreve que o conhecimento de si mesmas, a autoconsciência dessas mulheres, podem ser utilizadas como armas potencializadoras para romper as imagens controladoras e se defender delas.

Como afirmado por Audre Lorde (2020), não há como derrubar a casa grande com as ferramentas do senhor, faz-se necessário, portanto, que busquemos as nossas próprias ferramentas. Mulher negra, lésbica, mãe, intelectual, como ela mesmo se define, Lorde traz em seu livro “Irmã Outsider” (2020) a importância do ato de passar a definir a si mesma em sua trajetória, pois, quanto mais se deixava definir pelo outro, mais dava poder a ele para ditar quem ela deveria ser.

É necessário destacar, no entanto, que o processo de autodefinição consciente não se limita apenas à descrição de si mesmo ou ao reconhecimento de si, ainda que esses sejam fundamentais, porém Collins (2019) traz a importância da autodefinição enquanto ação, enquanto transformação. Esse exercício envolve observar e trabalhar as afetividades, subjetividades, a relação consigo e com o outro, o autorrespeito, a autoconfiança, entre outros aspectos fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos essas imagens de controle geradas pelo racismo, machismo e capitalismo, observa-se como se tornou comum na mente das pessoas verem mulheres negras em lugares inferiores, periféricos, marginalizados. E, com isso, é encarado incomum – e muitas vezes até mesmo inaceitável – para a sociedade enxergar mulheres negras em posição de destaque, de sucesso, sendo homenageadas ou beneficiadas em algo.

Realização:



Apoio:



Essas imagens controladoras atuam como imagens fixas, implantadas pela hegemonia, estereótipos que “permeiam a cultura popular e as políticas públicas” (Collins, 2019, p. 37). Desse modo, geram rótulos aos quais se espera que as mulheres negras estejam encaixadas, sempre ignorando seus intelectos e invalidando seus potenciais, colocando-as em lugares de completa subalternidade, as “senzalas modernas”.

O impacto do racismo sobre as vidas de mulheres negras afeta também a forma como elas se relacionam. Aprendem que não são dignas de amor, de cuidado e de lealdade, tanto em suas amizades, como na família e em suas relações afetivas. Como já descrito anteriormente, existe uma imagem do cuidar entrelaçada socialmente à imagem da mulher negra, porém, esta não é vista como um corpo que merece cuidado.

REFERÊNCIAS

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins**. 1ª edição. Porto Alegre: Zouk Editora, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Orgs. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaio e conferências**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.

Realização:



Apoio:

